

# De Kant às Neurociências

António Camilo Ribeiro  
Doutor em Filosofia da Educação, Director da ESEAG  
(Escola Superior de Educação Almeida Garrett), pertencente  
ao "Grupo Lusófona".

## RESUMO

O texto que se segue pretende chamar a atenção para a coincidência das conclusões de um grande filósofo alemão do século XVIII com as de um moderno investigador norte-americano da área da etno-neurologia, relativamente às faculdades essenciais do espírito humano. A parte introdutória do artigo visa a contextualização geral do problema.

## ABSTRACT

The following text aims to draw attention to the coincidence found between the findings of a great 18th century German philosopher and those of a modern North American researcher in the area of ethnoneurology, regarding the essential faculties of the human spirit. The introduction to this article focuses on a general contextualisation of the problem.

### Algumas considerações sobre a relação cérebro-pensamento.

83

O complexo problema da relação cérebro-mente no homem carece, quanto a nós, para ser analisado com alguma visibilidade, de ser colocado previamente num contexto mais vasto. Devemos aplicar a este magno problema a mesma técnica que o investigador utiliza com o microscópio: ampliar a amostra para melhor a poder compreender.

Assim, imaginemo-nos no papel do filósofo que se interroga sobre a essência da realidade que o cerca, e da qual faz parte. Que respostas obterá às suas interrogações? Provavelmente, sendo um observador atento, treinado e perspicaz, que estamos rodeados por um sem — número de objectos (coisas) que têm como característica comum serem percebidas pelos sentidos, graças às propriedades que possuem: peso, cor, tamanho, densidade, etc., isto é, serem constituídas por matéria. Concluiria, num primeiro momento, que a matéria é o substrato comum da realidade que nos cerca, entendendo-se por matéria tudo aquilo que pode ser percebido (apreendido) pelos sentidos, ainda que sob as mais diversas formas. Se nos ficassemos por aqui, designaríamos esta concepção (de que a única realidade subsistente no todo é a matéria) por monismo materialista (1).

Todavia, se o nosso filósofo transportasse o problema do nível cosmológico para o antropológico, isto é, do universo para o homem, e fizesse a mesma pergunta a respeito de si próprio (qual a natureza da sua própria realidade), que constataria?

Que é, também, matéria; mas que, para além desta, existe em si uma faculdade — a faculdade de pensar. Ora pensar, por não ser coisa dada aos sentidos, parece não ser coisa material...

Não obstante, como foi dito, o nosso filósofo, ele próprio, faz parte dessa unidade cósmica em que se encontra integrado e, por conseguinte, a sua capacidade de pensar faz também parte dela. Por este motivo, tal realidade pode não ser exclusivamente material, mas uma dualidade matéria — pensamento. É clássico ler-se, a propósito, que o homem é, em si, um micro — cosmos no qual o cosmos se realiza.

A proposta de aceitação desta dualidade, simultaneamente cósmica e antropológica, remonta à filosofia antiga, sobretudo a Platão, e tornou-se tradição na cultura ocidental. É o caso da distinção clássica de Descartes entre res-cogitans e res-extensa. No fundo, é a maneira comum de conceber a realidade, que percebemos geralmente em função desta dicotomia: uma coisa ou é matéria (corpo), ou é pensamento (espírito). A não ser que aceitemos uma terceira hipótese: que a matéria é capaz de produzir pensamento...

Numa concepção platónica, o monismo materialista (a ideia de que tudo se reduz ou provém da matéria) não colhe. A questão é que a divisão que permitiu solucionar a dificuldade (que aquilo que é uno é constituído por duas realidades diferentes, tão diferentes que conviria distingui-las), veio levantar outro problema: o da compatibilidade de uma com a outra, precisamente pela razão de, aparentemente, serem diferentes.

Esta dificuldade que temos em compreender a convivência da matéria com o espírito, subsiste nos nossos dias sob diversas designações. Mas o que está em causa, no que nos diz respeito é, de facto, o problema, da relação matéria - espírito, ou seja, do cérebro com o pensamento, ou do cérebro com a mente, como se queira.

Todo o homem se dá conta que possui um corpo material; e que, para além disso, pensa. E consta que essa actividade — pensar — é função de um órgão: o cérebro (melhor dito, seria: do encéfalo). Curiosamente, porém, este órgão, quando analisado, não se diferencia, quanto à substância de que é feito, da dos outros órgãos do corpo: nada contém, aparentemente, de imaterial, “espiritual”, ou coisa semelhante.

### De Kant às neurociências

No Prólogo de uma edição da Crítica do Juízo, em castelhano, os tradutores citam uma carta de Kant a Carl Leonhard Reinhold, datada de 28 de Dezembro de 1787, em que aquele escreve a dado passo: “... pois as faculdades do espírito humano são três: faculdades de conhecer, sentimento do prazer e dor, e faculdade de desejar”(2).

Já há muitos anos que tomei conhecimento da existência de tal carta (provavelmente desde que, em meados dos anos oitenta, adquiri e li pela primeira vez a referida edição da Crítica do Juízo). E, desde então que a afirmação me tem servido para alicerçar algumas conjecturas sobre o tema. Pareceu-me sempre que a constatação de Kant configura, de forma sintética, a estrutura essencial do nosso espírito. Por outro lado, sendo a filosofia, também, uma busca do essencial, confirmava, perante mim, a persistência com que, ao longo da História, pensadores, filósofos e homens de cultura insistiram nessas três temáticas: do conhecimento — desde Platão que os exemplos abundam; do prazer — Freud e a libido; e da vontade — Santo Agostinho, Nietzsche e Schopenhauer, e outros.

Em lugar da aceitação ingénua da citada afirmação, talvez tivesse interessado mais investigar em quê, ou em quem, se teria fundamentado Kant para a produzir. Nunca o fiz, nunca procurei uma oportunidade para aprofundar as razões que levaram o filósofo aquela síntese ou, eventualmente, às fontes de que se teria socorrido. Fiei-me sempre na sua autoridade. É possível adiantar, contudo, que nem sempre foi esse o seu pensamento, que este foi evoluindo em conformidade com os progressos da sua investigação pessoal pois, na Dissertação de 1770 (3), parece conceber fundamentalmente duas faculdades, a sensitiva e a intelectual, bem no seguimento do que já anteriormente tinha escrito Baumgarten.(4).

Acresce que uma outra dedução me deu uma certeza muito forte no enormíssimo peso que a afirmação teria tido para o próprio Kant. É que, sem entrar em considerações especialíssimas, o essencial da sua obra são as três críticas: a Crítica da Razão Pura, a Crítica da Razão Prática e a Crítica do Juízo. Ora, cada uma delas representa, por si, a explicitação do que escreve na carta a Reinhold: a Crítica da Razão Pura é uma longa investigação respeitante às faculdades de conhecer, o mesmo se podendo dizer da Crítica da Razão Prática quanto à faculdade de querer (desejar), e da Crítica do Juízo quanto à análise do sentimento. Quer dizer: se interpreto bem, Kant centrou o seu projecto de vida, em termos de investigação filosófica, na explicitação do que é conhecer, querer e sentir.

Ainda que a carta a Reinhold seja de data posterior à publicação da primeira Crítica, isso deve-se a que a descoberta da importância do sentimento foi alcançada após a elaboração desta. Escreve-o Kant(5).

Enfim, a divisão do espírito humano em três instâncias, a saber, conhecimento, prazer e dor, e vontade, sempre me mereceu uma credibilidade suficientemente forte para nela fundamentar outras especulações, na convicção de possuir, como ponto de partida, uma verdade que tem correspondido, para mim, a uma evidência.

Em 1990, num outro horizonte da investigação, o Dr. Paul

MacLean, neurologista estado-unidense, numa obra intitulada *The Triune Brain in Evolution* (6), propõe uma concepção original da estrutura e funções do sistema nervoso central dos primatas (homem incluído, naturalmente). Baseando-se nas investigações do neuroanatomista James Papez (1883–1958), o Dr. MacLean criou, em 1952, o conceito de sistema límbico sendo que, para si, o cérebro “triúnico” (ou, triarcaico) dos primatas se teria constituído, ao longo do demorado processo de evolução que culminou na espécie, pela sobreposição sucessiva de três cérebros: o cérebro reptílico, o paleomamífero e o neomamífero.

Na sua concepção, o cérebro reptiliano, de formação mais arcaica, compreende o tronco cerebral (isto é, a parte do sistema nervoso situada no enfiamento da espinal medula), e o cerebelo; o cérebro paleomamífero, ou paleomamaliano, o sistema límbico (o antigo cérebro dos mamíferos), uma estrutura de forma circular situada na região inter-hemisférica, constituída pelos giros do cíngulo e parahipocâmpico, hipocampo, amígdala, septo, núcleo accumbens, hipotálamo e cortex orbito-frontal; finalmente, o cérebro neomamaliano, diz respeito ao neocortex, isto é, à parte superior exterior dos dois hemisférios cerebrais.

A esta divisão anatómica do cérebro corresponderia uma concomitante divisão das suas funções. Assim, o cérebro primitivo, existente nos répteis (cujo aparecimento é, portanto, em termos de evolução, anterior ao dos mamíferos), seria a sede das funções básicas da vida: alimentação, locomoção, respiração, sono, batimento cardíaco. É o cérebro completo dos répteis, origem dos instintos, dos apetites e das funções básicas, cérebro sempre actuante, que não dorme, que não muda e que, para além do mais, não possui memória. A emergência do cérebro paleomamaliano teria acarretado o aparecimento das emoções e afectos; o cérebro mais recente, o dos neomamíferos, as actividades cognitivas: inteligência, imaginação, etc. Esta distinção entre comportamento afectivo e funções intelectuais explicaria a diferença entre aquilo que se sente e aquilo que se conhece.

Para MacLean, a investigação indicaria que o sistema límbico proporciona um substrato neural para a evolução dos mamíferos e para a sua forma familiar de vida característica. Sugere, também, que a estrutura relativamente simples do cortex límbico, mais antiga de um ponto de vista evolutivo, poderia ser incapaz, por isso, de comunicar-se, em termos verbais, com o neocortex, muito mais evoluído (7).

Tentámos dar uma noção sumária do pensamento de dois autores sobre matérias aparentemente distintas. Se, no caso de Kant, sintetizar é fácil (Kant diz o que diz em meia dúzia de palavras) já o mesmo não se passa no segundo caso. De facto, é impossível confinar a duas páginas o que o investigador expôs em mais de seiscentas, não contando com os escritos entretanto

publicados (8). Mas não era esse o nosso propósito. Interessaria sim, reter, que o essencial da teoria do cérebro triunitário chama a atenção para a importância do sistema límbico como centro neural das emoções, diferente anatómica, morfológica e funcionalmente do cérebro reptiliano, responsável pela vida vegetativa. Este último, o mais antigo, digo eu, seria a sede da vontade, do querer na sua forma mais arcaica, expressa através de necessidades orgânicas (vontade de comer, vontade de beber, instituto de sobrevivência—querer viver).

Sabemos que um dos problemas centrais da ciência é o da linguagem. Por isso, estamos prevenidos quanto à hipótese de chamar montanha a um rato, para depois poder dizer que a montanha chia. Neste sentido, quando falamos, por exemplo, de emoção, estamos cientes que a compreensão que dela terá o filósofo não é a mesma que terá o cientista ou o poeta, para já não falar do entendimento que dela terá o místico. O mesmo se poderá dizer da vontade.

Não obstante, estamos convencidos que a teoria de MacLean responde à afirmação proferida por Kant na carta a Reinhold. Mais: que aquilo que foi escrito por um filósofo século e meio antes, encontra a sua confirmação científica na investigação experimental. Não resolve de imediato a questão da relação cérebro-mente; mas direcciona-a e clarifica-a.

Se esta tese tem alguma viabilidade, as consequências epistemológicas que dela se podem retirar são imensas, desde logo porque permite a clarificação do discurso científico e a sua subordinação a noções centrais, sem por isso o tornar excessivamente redutor.

## Notas

1—**FERRATER MORA, José** Dicionário de Filosofia, Tomo II. Buenos Aires, 1971. Entrada “Monismo”, págs. 277/278.

2—**KANT, Immanuel** Crítica del Juicio. Espasa Calpe, Col. Austral. Madrid, 1981. (pág. 32).

3—**KANT, Immanuel** Disertação de 1770. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Col. Estudos Gerais, Clássicos de Filosofia. 1985. (pág. 43).

4—**BAUMGARTEN, Alexander** Reflexiones Filosóficas Acerca de la Poesía. Aguilar. Buenos Aires 1975. (págs. 89-90).

5—**KANT, Immanuel** “Pues las facultades de la mente hay tres: la facultad de conocer, sentimiento del placer y del displacer y facultad de desear. Para la primera he encontrado principios a priori en la Crítica de la Razón (teorética), para la tercera en la Crítica de la Razón Práctica. Los busco también de ese tipo para la segunda, si bien es verdad que tuve por imposible el hallarlos...” Passagem da referidacarta de Kant a Carl Leonhar Reinhold. Extraída da página 335, de Otto Schöndorfer, Hamburg, Feliz Meiner, 1972. Tradução

de Oswaldo Market.

6 – **MACLEAN, Paul D.** *The Triune Brain in Evolution*. Plenum Press. New York and London. 1990.

7 – “También sugeri que debido a la estructura relativamente simple de la corteza límbica más antigua desde un punto de vista evolutivo, podría ser incapaz de comunicarse en términos verbales con la neocorteza mucho más evolucionada. He indicado que esto podría contribuir a explicar la diferencia entre lo que “sentimos” y lo que “conocemos”. Paul MacLean, in.

8 – **MACLEAN, Paul D.** in *The Temporal Lobes and the Limbic System*. W. Biomedical Publishing, Ltd. U.K. 1992. (págs. 1 a 14).

### O cérebro

O cérebro humano na sua sede própria, o interior da calote craneana, apresenta-se como uma massa protoplásmica de consistência semelhante à da gelatina, pesando aproximadamente 1.400 gramas. Volume e peso são estatisticamente maiores no homem que na mulher, sendo que este dado é comum à generalidade das espécies.

Exteriormente, o cérebro é atravessado por uma fenda que o percorre a todo o comprimento e o divide em dois hemisférios, — direito e esquerdo — ligados internamente por um corpo denso de fibras, o corpo caloso, que permite a comunicação entre ambas as partes. A parte superior e de lado apresenta volutas que se dobram sobre si próprias — as circunvoluções — algumas delas mais pronunciadas — sulcos ou cisuras.

Além da massa cerebral propriamente dita, a cavidade craneana contém ainda cerca de 75 mililitros de sangue e outros tantos de líquido céfalo — raquidiano (LCR), este com funções hidrostáticas notáveis.

O cérebro é um voraz consumidor de oxigénio e do seu alimento por excelência — a glucose. De facto, o funcionamento regular do órgão depende do abastecimento permanente de ambos, sendo que a interrupção do fornecimento, ainda que por escassos minutos, pode ocasionar lesões irreversíveis ou provocar a morte.

Do ponto de vista citológico, o cérebro é constituído por cerca de dez mil milhões de células nervosas — os neurónios (quase duas vezes a população da Terra), cuja função principal é passar informação, assim como por muitos milhões de células de suporte, chamadas células da glia. Cada uma das células nervosas pode estabelecer conexões com alguns milhares de células vizinhas, através de conexões axo — dendríticas, o que torna o cérebro um imenso e complexíssimo reticulado de neurónios.

Para além disso o cérebro é também constituído por grande

número de substâncias químicas, como o cálcio, o potássio, e outras, algumas ainda por descobrir, como a acetilcolina, a dopamina e o ácido glutâmico, que desempenham a função de neurotransmissores, isto é, de franqueadores da informação bio-química.

Diríamos que o estroma cerebral é constituído por uma imensa rede nervosa mergulhada num caldo químico que funciona activado por energia eléctrico-química.

### A VONTADE

O que se terá passado no planeta Terra há alguns milhões de anos (e não é preciso regredir em demasia) remete para o reino da obscuridade; ou da fantasia, como se queira; ou, se nos quisermos socorrer de algumas investigações naturalistas, e ser menos rigorosos com o nosso não saber, para o domínio do possível. Por isso, é possível que o fenómeno a que chamamos existência tenha sido gerado a partir de uma combinação, milagrosa para uns, circunstancial para outros, ocorrida algures, no caldo químico inicial. O porquê, o como e o quando deste acontecimento fundamental que corresponde ao despertar da vida, é um mistério ainda por esclarecer. Mas é possível que aquilo a que chamamos vida se tivesse organizado a princípio sob a forma de estruturas unicelulares simples, existentes ainda hoje, como é o caso dos protozoários. Outros seres, mais sofisticados, para se constituírem, teriam que aguardar que a ligação entre células tivesse levado à formação de tecidos e estes à constituição de órgãos e à consequente realização de actividades e funções cada vez mais complexas. Estas criaturas chegaram aos nossos dias, como é o caso de múltiplas classes de invertebrados, dos protocordados e da generalidade dos cordados. Outras, em número infinito, com menos capacidade de adaptação ou por influência de factores menos favoráveis, teriam aparecido para voltar a desaparecer na noite dos tempos.

Nos seres de organização mais elaborada — nos animais — concomitantemente ao desenvolvimento do cordão nervoso, com a emergência e desenvolvimento do cérebro, ter-se-ia dado uma evolução do mecânico para o orgânico e do orgânico para o psíquico. Na sua diversidade imensa, os seres vivos ter-se-iam formado e permanecido uns como estruturas simples, trémulas afirmações de existência, (é o caso da ameba e da paramécia que mantêm a mesma estrutura há milhões de anos), outros teriam adquirido rudimentos de sensibilidade (o anfioxo), outros chegaram à formação da vontade (peixes e répteis), noutros ter-se-ia dado o aparecimento do sentimento (mamíferos superiores não humanos) e, finalmente, a consciência e a razão (no homem).

Assim, o que designamos aqui por sensibilidade, entenda-

se, não passa, na sua manifestação mais rudimentar, de irritabilidade, isto é da propriedade que a substância viva possui de reagir a estímulos elementares como o frio, o calor ou a luz. Num grau de evolução mais próximo esta propriedade teria dado lugar a mecanismos de auto-regulação mais complexos do que a simples resposta a agentes externos ou internos, como é o caso da homeostasia.

A homeostasia, no essencial, é o nome atribuído aos mecanismos bio-fisiológicos que têm a ver com a manutenção de funções vitais do organismo dentro de determinados limites, não só as mais periféricas como as mais profundas que têm a ver com o metabolismo basal. Exemplos de homeostasia são a regulação da fome — saciedade, da sede, da temperatura do corpo e da manutenção mais ou menos constante, em cada indivíduo, das quantidades de água, sal, glucose, proteínas e gorduras no sangue.

Ora, a noção fundamental presente nos mecanismos homeostáticos é a de equilíbrio por exigência e necessidade biológicas, isto é: “tem que ser assim” sob pena de sobreviver a morte. Quer dizer: a homeostasia confunde-se com a ideia de necessidade (se é que não é a “necessidade” em actuação).

E é aqui que a noção de homeostasia se identifica com a noção de vontade: homeostasia e vontade têm em comum a necessidade, isto é, a carência, ausência ou falta do que quer que seja, relativamente a um padrão.

A vontade é a energia interior que me impele à realização do que quer que seja; é uma necessidade que persiste.

A vontade consiste também num esforço de adaptação, ou de sujeição a um determinado objectivo, ao que eu quero, como se o que eu quero fosse a condição do meu equilíbrio.

A vontade é um acto simples que se traduz no “eu quero” (vontade, desejo e querer são sinónimos).

De facto, a vontade não se deixa definir em si, mas só nas suas objectivações. Quando digo: quero isto, **isto** é que dá inteligibilidade e determina a minha vontade. A vontade em si permanece como uma energia interna, subjacente, que se centra na concretização dos seus objectivos, mantendo-se constante o seu nível de energia, isto é igual a si própria. A vontade é determinação, é força e poder, é tendência: mas não passa disto, a não ser em acto.

A vontade, como conceito geral, abrangente, acolhe em si muitos outros conceitos que são a sua expressão parcial: aspiração, desiderato, intenção, tendência, objectivo, propósito, fim, etc. etc. O que chama a atenção para a enorme dimensão que a faculdade da vontade tem na vida humana: passamos o tempo a desejar, isto é, a querer.

A vontade não é plural, como os sentimentos: é unívoca: eu quero, eu não quero, sendo que o não querer é também querer.

## VONTADE E ALEGRIA

A vontade em si nem é agradável, nem desagradável; estes estados pertencem ao domínio do sentimento. Mas é apelativa, isto é, supõe-se que o objecto da vontade “interessa” porque, se alcançado, produzirá satisfação. Santo Agostinho funde alegria e vontade. Diz o venerando Doutor : “...pois, que outra coisa são o desejo e a alegria senão vontade conforme com as coisas que queremos? Que são o medo e a tristeza senão vontade desconforme com as coisas que queremos? ”. Para nós, satisfação não é vontade; é uma sua consequência. O agrado resultante da satisfação da vontade já não é vontade: é sentimento. A vontade está ao serviço da necessidade e do que é bom para satisfação desta.

Quando passamos de uma concepção orgânica da vontade que é, para nós, homeostasia, a um nível superior — o da vontade humana, o que é característico da vontade é que ela não se deixa determinar por conceitos da razão.

## OS SENTIMENTOS

### O sentimento dos sentimentos

Confesso que tenho alguma dificuldade em falar de sentimento. A minha dificuldade reside em compreender o que é que o amor e o ódio, por exemplo, têm em comum. São sentimentos, responder-me-ão. Só se for, direi, por serem estados da consciência que aparentamos entre si por se distinguirem, seguramente, da vontade ou da inteligência. Parece-me que tem sentido falar em sentimentos, na sua diversidade quando ao invocar diferentes vivências, encontramos em algumas delas uma semelhança que parece irmaná-las. O que quero dizer é que se o sentimento existe (não sentimentos) é neste entendimento de que se trata de uma pluralidade de manifestações psíquicas com uma base comum — o bem estar ou o mal-estar.

Posto isto, chamo sentimentos aqueles estados de espírito que umas vezes de maneira vaga e indefinida, outras mais veementemente, me vão atestando o que se passa comigo, com os outros, com coisas e situações, sem que se trate de meras percepções. “Sinto-me bem”, “estou triste”, “tenho fé”, são exemplos de sentimentos.

Pluralidade, bipolaridade e comunicabilidade.

Os sentimentos em si, não se definem; são plurais; bipolares; e, ainda que não possam definir-se, podem comunicar-se.

Quando digo que os sentimentos não se definem, o que

quero dizer é não consigo descrever a sua natureza por palavras, isto é, por conceitos. Não consigo explicar o que os sentimentos são, falando. Dou um exemplo. Quando me pedem para definir o que é um triângulo, respondo: é um polígono de três lados e três ângulos. Esta decomposição de um conceito da razão nos seus elementos constitutivos não é possível no que concerne aos sentimentos.

O que nos leva a concluir que os sentimentos são uma faculdade simples da consciência. Tudo isto se constata através de exemplos simples: quando digo que estou triste que mais posso explicar sobre o que sinto se não que sinto tristeza? Ou, quando estou alegre, se não que sinto alegria? O que torna os sentimentos diferentes de outras operações da razão e das criações desta, onde tudo se explica pois podemos analisá-las.

Mas se os sentimentos são, em si, simples, são, por outro lado, plurais, quer dizer, existe grande variedade de sentimentos, podendo até estabelecer-se uma ordenação que vai dos mais orgânicos e básicos (v.g. sinto-me bem, que pode ter uma conotação biológica) até aos mais elevados e espirituais (tenho fé).

O sentimento é, por outro lado, a faculdade geral que dá o "tom" à consciência. É precisamente a tonalidade que distingue o sentimento de outras operações do espírito, como a pura reflexão.

Quer dizer que "sentimos" quando reconhecemos em nós uma determinada tonalidade do estado de consciência, uma vivência que, em última análise ou tem a ver com bem estar, satisfação, prazer ou com insatisfação, mal estar, desprazer, sofrimento.

A tonalidade dá ao sentimento uma natureza bipolar, de agrado ou de desagrado. O sentimento nem sempre se manifesta, explicitamente, como sendo prazer ou dor; mas atrevo-me a dizer que tudo o que passa nesta esfera remete em última análise para um fundo de conforto ou desconforto, de bem estar ou de mal estar, de agrado ou desagrado.

Note-se que a reflexão sobre um determinado problema pode vir acompanhada de um sentimento, de prazer; ou de dor. Mas não se trata da mesma coisa. Diria então que num dado momento reflexão e sentimento podem conviver. Mas não há que confundi-los. O mesmo se passa com a satisfação da vontade. A satisfação da vontade pode dar prazer (provavelmente a obtenção do prazer é uma das justificações para a existência da vontade).

Se, como dissemos, os sentimentos não se traduzem, comunicam-se.

Na impossibilidade de dizer aos outros o que sente, o homem inventou diferentes formas de expressão, uma espécie de mediação, pela qual traduz para os outros os sentimentos que lhe vão na alma. Essas diferentes formas de expressão são as artes. As artes são as grandes formas de expressão dos sentimentos humanos.

Enfim, o sentimento será o estado de vivência presente na ausência da vontade ou da reflexão.

### Emoções e Sentimentos

A emoção pode ser definida como um estado psicológico intenso mas transitório, que se faz acompanhar muitas das vezes por alterações corporais objectivas. Na verdade as emoções parecem caracterizar-se não só pela perturbação passageira do estado de consciência mas por desequilíbrios de natureza fisiológica. As emoções parecem ser percebidas como um desvio à situação de tranquilidade espiritual que devem caracterizar o indivíduo adulto normal e culto por uma outra, vivida intensamente que é, em si, a emoção.

Tem-se discutido muito se são as alterações a nível corporal que desencadeiam o distúrbio psicológico, ou se é um determinado estado de consciência que determina modificações fisiológicas. Não achamos esta questão relevante na medida em que entendemos a emoção como um complexo psico-fisiológico. Um punho cerrado não representa para nós a consequência de um estado de cólera; é a cólera em si.

O que é certo é que a emoção – a emoção intensa de terror, alegria ou medo – não é um estado puramente psicológico, mas também físico, com alterações observáveis no laboratório de psicologia. Na alta emotividade o ritmo cardio-respiratório altera-se; a contracção ou dilatação das arteríolas da face produz palidez ou enrubescimento; a composição do sangue altera-se com uma maior percentagem de adrenalina; pode perder-se o controle dos esfíncteres do ânus ou da bexiga; uma sonda introduzida no ânus pode registar contracções ou dilatações; a formula química do cérebro, mais pessoal em cada um de nós que as impressões digitais, altera-se. É caso para dizer que debaixo dos efeitos de uma emoção intensa somos outros. O que dá razão ao vulgo quando diz: eu nem estava em mim. Tudo isto depende das condições específicas de cada organismo; o cão é menos emotivo que o lobo e nós menos emotivos que os cães.

Ainda que tenham tentado estabelecer-se, com relativa facilidade, as emoções básicas do ser humano (alegria, tristeza, medo, cólera, asco, surpresa) todas as emoções se parecem submeter a um denominador comum que são o agrado – aproximação ou a evitação – fuga que as tornam quanto a nós, aparentadas com os sentimentos. Não parece haver diferença qualitativa de fundo entre emoções e sentimentos mas somente de grau, isto é, de intensidade. Assim enquanto a emoção é um estado afectivo intenso mas de duração passageira, o sentimento é um estado afectivo menos intenso mas de duração e marca eventualmente mais duradouras.

Ainda que sob um sinal mais brutal que o sentimento, e com nuances mais limitadas, parece que tanto as emoções como os sentimentos se podem reduzir sempre a estados afectivos agradáveis ou desagradáveis. Por exemplo: o contacto

social de agrado ou desagrado em relação a uma pessoa originaria um sentimento de simpatia ou antipatia para com os outros por efeitos de generalização.

Provavelmente enquanto a emoção se desencadeia sob a influência brutal do orgânico o sentimento, sem perder a sua caracterização afectiva positiva ou negativa, situar-se-ia mais na esfera intelectual. Todavia se da emoção se pode falar de ímpeto, de torrencialidade, emoção e sentimento têm em comum não serem definíveis — mas comunicáveis.

### Conclusões

A razão de ser da matéria abordada nas páginas que precedem deve-se, como já tive oportunidade de referir, a estar também convencido, que a vontade, os sentimentos e as faculdades de conhecer são as três instâncias irreduzíveis do psiquismo humano. Digo irreduzíveis neste sentido: a) que não se confundem entre si; b) que não se pode aprofundá-las mais, a ponto de descobrir outras que sejam o seu fundamento; e, c) que as restantes operações do espírito, ou são actividades gerais do psiquismo humano (v.g. a atenção) ou estão relacionadas com elas: (v.g. a imaginação resulta provavelmente de uma relação entre o sentimento e a inteligência).

Há a dizer que se estas três instâncias são irreduzíveis não significa que sejam estanques. Vontade, conhecimento e sentimento relacionam-se entre si no âmbito da unidade da consciência. Porém, quando um desejo eventualmente realizado, produz satisfação, não é necessário concluir que desejo seja agrado, ou o contrário.